

O ARTESANATO ÑANDUTI EM BELLA VISTA NORTE, PARAGUAI

DAYSE CENTURION DA SILVA¹

ANHANGUERA-UNIDERP, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-4782-9572>

GILBERTO LUIZ ALVES²

ANHANGUERA-UNIDERP, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-9672-1459>

RESUMO: *Este artigo tem por objeto o artesanato Ñanduti, produzido pelas artesãs da cidade de Bella Vista, Paraguai. O objetivo foi analisar a organização técnica do trabalho e detectar o impacto desse artesanato no desenvolvimento regional. O referencial teórico empregado na pesquisa envolveu categorias de análise como organização técnica do trabalho, artesanato e capital, buscadas em obras de Alves (2003 e 2014) e Marx (1983). As fontes primárias da pesquisa foram observações sistemáticas realizadas em situação de trabalho, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas com as artesãs. As fontes secundárias foram estudos antropológicos encontrados em livros. Foi analisado o processo de trabalho das artesãs, os aspectos artísticos das peças e sua veiculação no mercado. A análise permitiu identificar os tipos de rendas produzidas, a matéria prima utilizada e as mudanças que impactaram o trabalho das artesãs.*

PALAVRAS-CHAVE: *Desenvolvimento Regional; Organização Técnica do Trabalho; Renda Ñanduti.*

ABSTRACT: *This article focuses on Ñanduti handicrafts, produced by artisans in the city of Bella Vista, Paraguay. The goal was to analyze a technical organization of work and detect the impact of this craft on regional development. The theoretical framework used in the research involves the categories of analysis such as technical organization of work, handicrafts and capital, sought in works by Alves (2003 and 2014) and Marx (1983). The primary sources of the research were analyzed systematically carried out at work, photographic records and semi-structured characteristics with the artisans. The secondary sources were anthropological studies found in books. The artisans' work process, the artistic aspects of the pieces and their placement in the market were analyzed. The common analysis identifies the types of lace produced, the raw material used and how changes have impacted the work of the artisans.*

KEYWORDS: *Regional development; Technical Work Organization; Ñanduti income.*

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Anhanguera - UNIDERP. E-mail: daysecenturion@yahoo.com.br

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor pesquisador da Universidade Anhanguera-Uniderp no Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional. E-mail: gilbertoalves9@uol.com.br

Introdução

[...] la araña que teje su tela en perfecta soledad para amparar, proteger y alimentar su prole, halla en el su paradigma, y la propia mujer paraguaya, padre y madre de sus hijos. Es el encaje halla eco y resonancia sutil en el espíritu de la mujer del pueblo (Plá y González (1983, n.p).

Este artigo tem por objeto o artesanato Ñanduti, produzido pelas artesãs da cidade de Bella Vista Norte, Paraguai. Seus objetivos foram apreender a organização técnica do trabalho e detectar os impactos desse artesanato no desenvolvimento regional da municipalidade. Foram descritas a matéria prima utilizada, as técnicas de trabalho, as condições que cercam os locais de produção da renda e a inserção do produto no mercado.

Ñanduti é o nome dado a uma renda artesanal de pontos finos, geralmente feita de fios de algodão ou seda, com agulhas, conhecida no Paraguai desde os tempos coloniais. Sua característica mais marcante é a composição envolvendo pequenos quadrados, retângulos ou círculos de geralmente 5 a 8 cm, cujas formas são sempre radiadas, representando, pela semelhança de seus desenhos, o sol. Sobre os “raios” desse sol vão se construindo os pontos, sempre com o uso de agulhas, dando origem a motivos que impregnam a bela e delicada renda.

O Ñanduti é uma arte requintada muito antiga e cercada de lendas e mitos. Teria sido introduzida por colonizadores espanhóis nos séculos XVII e XVIII. O nome Ñanduti vem do vocabulário guarani, língua do período pré-colombiano, falada pelos povos da etnia Guarani e, depois de adaptada pela sua mistura com o espanhol, pelos paraguaios.

No livro, *Encaje del Paraguay*, Sanjurjo (2015) destaca que a palavra Ñhanduti significa “branco de aranha” – Ñandu = “aranha” e Ti = “branco”. Seu significado, de acordo com Mariano Celso Pedrozo³, é “teia de aranha” (SANJURJO, 2015, p.7).

O fato é que a renda produzida imita as teias de aranha. Sua referência à natureza é nítida. Os desenhos formam flores, libélulas e borboletas, por exemplo. O Ñanduti encanta por sua delicadeza e leveza. É considerada a renda típica do Paraguai.

No passado, as tranças finas eram produzidas apenas com linhas brancas e consideradas artigos de luxo. Porém, com o tempo foram ganhando cores vibrantes, que exalam do ambiente no Paraguai e se transportam para os costumes, vestuário, danças e festas do povo. As cores tomam conta das ruas e praças dessa nação.

As artesãs do Ñanduti contam que o adereço era tradicionalmente usado pelas mulheres nas festas de casamento. Algumas utilizavam uma espécie de echarpe todo trabalhado e, em outros casos, o próprio vestido de noiva era completamente confeccionado em renda Ñanduti. A tradição

³ Mariano Celso Pedrozo, nativo de Itauguá e grande conhecedor da renda Ñanduti.

era que as mães ou as avós passassem anos produzindo o vestido para a noiva da família.

A produção da renda Ñanduti no distrito de Bella Vista Norte, Paraguai, é uma manifestação do artesanato ancestral. A prática cultural realizada pelas mulheres vem se reproduzindo ao longo de sucessivas gerações. Enquanto artesanato, é uma atividade em que a trabalhadora revela inteiro domínio do processo de trabalho como um todo. “É um artesanato telúrico, pois estreitamente ligado à terra e ao espaço onde é produzido, traço que se manifesta perceptivamente nos seus produtos” (ALVES, 2014, p. 48). Desenvolvida pelas mãos de artesãs do distrito e importante fonte de renda familiar, a renda Ñanduti sustenta-se na tradição cultural e, ao mesmo tempo, adapta-se no intuito de se manter no mercado. O que não pode deixar de ser apontado é que, ao observar as artesãs produzindo, não há como deixar de reconhecer que, movidas pela “vontade de beleza” (RIBEIRO, 1997, p. 150-160), muitas transformam os seus produtos em arte.

Segundo Sanjurjo (2015, p. 94), “a Meca desta tecelagem primorosa é a cidade de Itauguá, considerada a capital do Ñhanduti, por ter sido ali a origem deste artesanato paraguaio”. O Ñanduti é considerado o símbolo de Itauguá, municipalidade do Departamento Central, localizada a 30 km da cidade de Assunção, Paraguai. A cidade é reconhecida nacional e internacionalmente como “Cidade do Ñanduti”.

Em Itauguá está situado o “Museu Comunitário del Ñanduti”. Reaberto em 2008, nele se pode conhecer a história, o processo de confecção e peças representativas da tecelagem da renda.

Itauguá produz o mais requintado Ñanduti, tanto no que se refere às características artísticas quanto ao seu potencial de comercialização. Quanto ao artesanato produzido em Bella Vista Norte, notam-se traços que remetem àquele elaborado em Itauguá.

Bella Vista Norte é uma municipalidade de pequeno porte e com baixa renda per capita. A ampliação da produção artesanal da renda Ñanduti cria expectativa de incremento ao desenvolvimento da região. Essa expectativa está associada à pavimentação asfáltica da ROTA 3, estrada que liga a municipalidade de Cruces a Bella Vista Norte, criando um portal de acesso turístico desde Assunção, capital do Paraguai, até Bonito e Jardim, em Mato Grosso do Sul.

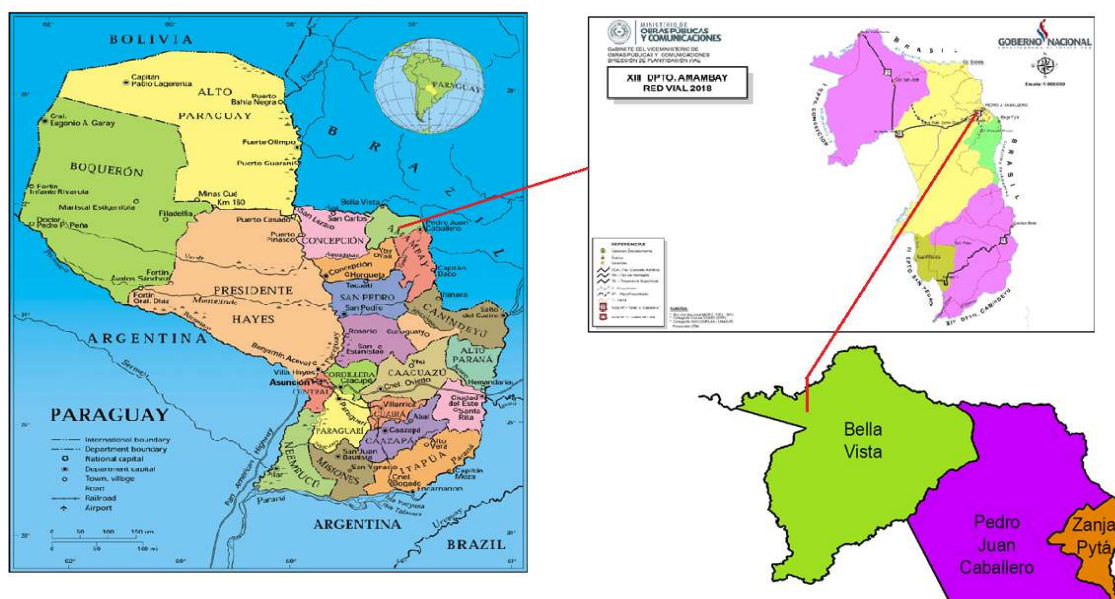
Material e métodos

Bella Vista Norte, local deste estudo, está situada na fronteira Paraguai/Brasil, na latitude sul 22°76’ e longitude oeste 56°31’. A distância da sede da municipalidade até a capital do país, Asunción, é de 469 km. Ocupa uma área total de 3.787,90 km² e fica localizada na região Norte, tendo o Rio Apa como limite. Uma ponte de 100 metros sobre este rio liga o Paraguai ao Brasil.

Bella Vista Norte pertence ao departamento de Amambay, que se limita com os departamentos de Concepción, San Pedro e Canindeyú.

Conta com 11 colônias: Rinconada, San Izidro, Mandyu Popy, San Roque, Casualidad, Alyla Coe, Norte Puajhu, Nueva Esperanza, Curusueva, Colônia Unida e San Pedro Pastoril (Figura 1). Algumas delas eram assentamentos rurais e, com o passar do tempo, alcançaram o status de colônias. A sede do distrito, cidade de Bella Vista Norte, encontra-se a 178 metros sobre o nível do mar. No território ocupado pelo distrito, 20,16% das terras são constituídas por florestas, uma parcela é formada por morros e o restante do solo é utilizado por atividades agropecuárias.

Figura 1 - Mapa do Paraguai destacando o Departamento de Amambay e a municipalidade de Bella Vista Norte.



Fontes: Ministério de Obras Públicas y Comunicaciones (MOPC). Disponível em <https://www.mopc.gov.py/mopcweb.old/amambay-s431>; Ministério de Relaciones Exteriores. Disponível em: <https://www.mre.gov.py/Sitios/Home/Contenido/embaparusa/28>; Acesso em: 20 de abr.2020. Adaptado pelo autor.

Quanto à metodologia utilizada, a descrição da organização técnica do trabalho, da produção artesanal, das técnicas de produção, da matéria prima utilizada e do desenvolvimento local associado a essa atividade artesanal demandou observações de campo, realizadas na municipalidade de Bella Vista Norte ao longo dos meses de outubro de 2019 a março de 2020. As observações foram realizadas em situação de trabalho, nas oficinas das artesãs, procurando captar tanto a produção das peças quanto aspectos ligados à vida das artesãs. As visitas ensinaram, também, a realização de entrevistas semiestruturadas com as artesãs e a produção de imagens fotográficas.

A partir de questões norteadoras, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com artesãs idosas, suas filhas e netas, todas envolvidas com a produção do artesanato da renda Ñanduti. Foi observado, também, o comércio das rendas realizado nos próprios locais de trabalho.

Como fontes secundárias importantes para a complementação do conjunto de informações empíricas, foram utilizados estudos de Gustavo

Gonzáles (1967), Josefina Plá (1983), Roquete Pinto (1927) e Annick Sanjurjo (2015), dentro outros.

Esses instrumentos de levantamento de fontes permitiram descrever a organização técnica do artesanato da renda Ñanduti, identificar as características de cada tipo de ponto, os tipos de peças e a relação do artesanato Ñanduti com o desenvolvimento regional da municipalidade de Bella Vista Norte.

Resultados e discussões

Compreender o significado do termo artesanato implica conhecer a organização técnica do trabalho que lhe corresponde. Em seu âmbito, cada artífice possui o domínio pleno de todas as operações necessárias à realização do produto e domina teoricamente o projeto que lhe corresponde. O trabalhador dispõe de destreza e habilidade e os instrumentos de trabalho são operados diretamente por suas mãos. Não existe divisão do trabalho no âmbito do artesanato, “forma dominante de trabalho” antes da “instauração do capitalismo” (ALVES, 2014, p. 49-50).

Podem ser caracterizadas três modalidades distintas de artesanato: artesanato ancestral, artesanato espontâneo e artesanato induzido.

O artesanato ancestral abrange tanto o artesanato indígena quanto o produzido por grupos sociais precariamente articulados à dinâmica da sociedade capitalista. De caráter coletivo, as atividades artesanais correspondentes tendem a reiterar os procedimentos, as técnicas, a utilização de recursos e a divisão sexual do trabalho praticado por gerações anteriores. O artesanato espontâneo, (...), é produzido individualmente por pessoas simples, que, no passado, exerceram atividades econômicas que lhes permitiram ter certo domínio teórico prático compatível ao que, no futuro, se caracterizaria como artesanato de peças ornamentais. O artesanato induzido vem se tornando dominante em nossos dias. Muitas iniciativas entendem o artesanato como alternativa econômica para crianças e jovens que vivem situação de risco nas ruas ou para populações marginalizadas em guetos de pobreza. A instituição mais atuante nessa seara é o SEBRAE, que entende o artesanato como negócio e deseja ver em todo artesão um empreendedor. As exigências do mercado são norte para o artesão pensar e aperfeiçoar os seus produtos. (ALVES, 2014, p. 48)

O artesanato Ñanduti, enquanto produto histórico cujo conhecimento vem sendo transmitido de geração a geração, ao se reproduzir fortalece uma prática cultural antiga. Corresponde à modalidade de artesanato ancestral. A sua análise, neste trabalho, não o tomou somente como produto acabado, mas, sobretudo, considerou o

processo de trabalho das artesãs como um todo. Isto é, levou em conta as suas diversas etapas e operações constitutivas, executadas individualmente pelas artesãs.

As características gerais do Ñanduti confeccionado pelas artesãs de Bella Vista Norte identificam-se com as das peças artesanais produzidas em Itauguá. São desenhos em círculo de dobras irradiadas, feitos sobre um bastidor, com pontos cruzados que aos poucos preenchem espaços triangulares. Essa é uma singularidade formal da prática cultural.

O desenvolvimento da região de Itauguá está muito associado ao artesanato Ñanduti. Não é o caso, ainda, de Bella Vista Norte. Nesta cidade o trabalho das artesãs é incipiente. Elas tentam formar um núcleo de produção, em especial diante do fato de a região ter sofrido grande transformação ao se tornar corredor turístico. As fontes de divisas da municipalidade ainda repousam na agricultura e na pecuária e têm como destaque o comércio Internacional.

O artesanato Ñanduti, uma atividade do passado, está presente na atualidade, tão presente que as escolas da municipalidade ensinam em seu currículo escolar a arte de tecer o Ñanduti. Tão universal que as encomendas principais partem de lojistas de diferentes cidades.

As práticas têxteis do Ñanduti constituem patrimônio material, pois resultam em peças tecidas, e imaterial, na medida em que seu conhecimento é transmitido oralmente.

Em Bella Vista Norte, em contato com algumas artesãs, observou-se que o trabalho de tecer o artesanato Ñanduti é realizado nas próprias residências. Nelas também é comercializado com lojistas e consumidores diretos, não havendo um “lugar comercial” específico para tal.

As artesãs utilizam a linha de algodão ou seda como matérias primas para confecção de seus produtos. Em sua maioria preferem a linha de seda, por ter o fio bem fino. As peças mais encontradas foram caminhos de mesa, toalhas de mesa, colchas, chales, pano de cruz, panos de bandeja, vestidos, blusas e saias.

Conforme relato das artesãs, na produção das peças, atualmente, são usadas linhas comerciais como a da marca Cléa, pois o resultado tem grande aceitação no mercado. O uso desse material não prejudica a delicadeza e a qualidade da renda Ñanduti.

A artesã Marcelina Cáceres, de 75 anos, conhecida como Dona Marcela, é uma das referências quando se fala em Ñanduti em Bella Vista Norte. Trabalha em sua casa defronte à principal praça da municipalidade. No local tece a renda na varanda, junto a uma pequena “loja” onde são vendidos artigos variados.

A artesã afirma que a atividade de tecer a renda Ñanduti está restrita a poucas “senhoras detentoras da arte”. Essa prática cultural vem sendo repassada através das gerações:

[...] ah! Faz muito tempo que aprendi, quando tinha treze anos, com uma prima que já morreu. Faço peças com muito carinho e cada peça é única, pois demoro cerca de dois meses para fazer uma saia (Figura 2). Dá muito trabalho! Mas eu gosto também de ensinar e

ensino de graça para quem quiser aprender o Ñanduti (CÁCERES, 2020).

Figura 2 - Saia típica para Dança Paraguaia produzida pela artesã Marcelina Cáceres. Preço de mercado PYG: 2.000.000 ou R\$ 1.378,37.



Fonte: SILVA, 2019.

A saia apresentada na figura 2 é uma peça usada para dança típica do Paraguai, denominada Cântaro⁴. A peça foi confeccionada com três motivos: mburukuyá poty (flor de maracujá ou passionaria) e jasmin poty (flor de jasmim), usados no corpo da saia, e, no barrado; o terceiro motivo chamado ondas. As ondas geralmente são feitas com meio ponto das pétalas dos motivos de la poty (das flores). Quanto à confecção da saia, Marcelina Cáceres (2019), explica⁵:

[...] não tem quantidade exata dos quadradinhos porque depende da medida de cada saia... é difícil saber, só fazendo mesmo. Ñanduti não tem quantidade, só por medida. Ñanduti é só medida e modelo. É difícil saber a quantidade linha de quadradinho, porque você desenha a mão, o desenho você faz para poder tecer, se diz em espanhol tecer... é difícil saber (CÁCERES, 2019).

Quanto aos tipos ou motivos de bordado (pontos)

⁴ Dança do Cântaro é uma dança típica paraguaia, na qual mulheres dançam carregando uma jarra de água nas mãos ou mesmo na cabeça. Usam saias e blusas feitas de Ñanduti. Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Paraguai/Cultura>. Acesso em 17 de mar. de 2020.



⁵ Disponível em: <https://grinfopoint.com/HtIuLVQ//> Acesso em 15 de mar. de 2020.

[...] configuran un mundo vivencial, y en él un panorama imagístico y psicológico femenino, donde halla su ámbito la creatividad aherrojada o simplemente solicitada o estimulada por otras motivaciones extrínsecas. Un mundo de imágenes familiares e inmediatas que dan la medida patética y acariciada secretamente de sus experiencias, de sus nostalgias, de su inmolación cotidiana (PLÁ Y GONZÁLEZ, 1983, n.p).

Hoje na municipalidade de Bella Vista Norte, as artesãs fazem um Ñanduti com características que se assemelham às dos pontos ancestrais (ROQUETTE PINTO, 1927). São motivos que representam a vida cotidiana do mundo vegetal, do mundo animal, do mundo doméstico e do mundo das lendas.

Segundo Plá y Gonzáles, essa classificação envolve:

Mundo vegetal: Flor de maíz, margarita, flor de guayabo, romero, jarrón de flores, palmera, cardo, pasionaria, flor de jazmín, espiga de cebada. Mundo animal: Pajarito, garza, pico de loro, huella de vaca, alacrán, pisada de buey, piky (pececito), rebaño de ovejas, tela de araña, cola de cabra, cola de zorro, garrapata, caracol, abeja, golondrina, murciélago. Mundo doméstico: Horno de chipa, chipa dulce, abanico, nicho, mortero, cepillo, horno, pequeña arca o cajón, farolito, canastilla. Mundo de leyenda: Leyenda de la cruz, leyenda del carai vosá (Carai-bosá: hombre de La bolsa o saco: robaniños). Puntos de remate o de relleno: Flor de guayaba, punto arroz, cadenilla, cañoto, filete y filigrana (PLÁ Y GONZÁLEZ, 1983, n.p).

Afirmam os conhecedores que existem mais variações dos pontos e motivos, mas é impossível enumerá-los em sua totalidade. A literatura dedicada ao estudo do Ñanduti destaca:

O Ñanduti, em sua realização, tem características operacionais descontínuas, diferentes de outros laços, como o crochê e renda de bolillos⁶. Cada elemento dele corre separadamente, em um projeto, um desenho elementar, esboçado em um belo gênero, cobrindo um tecido de fundo, perfeitamente esticado em uma moldura, em que, auxiliado por pinos a renda vai se formando em raios de sol e sobre os fios radiais deste vai se formando o contorno externo da peça e suas eventuais divisões ornamentais (PLÁ Y GONZÁLEZ, 1983, n.p).

⁶ A renda de bolillos (atualmente desaparecida) é uma técnica de renda têxtil que consiste em entrelaçar fios inicialmente enrolados em bobinas, chamadas bolillos, para melhor manuseá-los. À medida que o trabalho avança, o tecido é mantido no lugar por alfinetes pregados a um bloco, chamado de "mundillo".

Segundo Plá e González (1983), o Ñanduti tem um logotipo inconfundível com esquemas que foram motivos únicos e representativos e se sustentam, através do tempo. Eles expressam a feminilidade da mulher paraguaia, suas crenças e as lendas do grupo social.

Observou-se que as peças Ñanduti de Bella Vista Norte sofreram influências da produção realizada em Itauguá. Isso demonstra a existência de contatos com a forma mais avançada do artesanato. Todas as artesãs referendaram esse fato, já visitaram Itauguá e referem-se a essa municipalidade como a cidade do Ñanduti,

Compramos a linha também em Assunção e de lá vamos a Itauguá para ver as peças, ali sim tem ñanduti, eles vendem muito, tem comércio só de Ñanduti. De lá vem os pontos, lá é o centro do Ñanduti, lá todo mundo faz Ñanduti, mulher, homem, criança. Aqui em Bella Vista nós temos nossos pontos, vamos fazendo as nossas criações, os pontos vão saindo da cabeça, não sei o nome de todos os pontos, tiro da minha cabeça e os pontos têm nome tudo em guarani, igual em Itauguá (CÁCERES, 2020).

A citação evidencia o entendimento das artesãs de Bella Vista Norte quanto aos aspectos que marcam a singularidade e a universalidade do Ñanduti que elas produzem. O universal se faz presente nas teias grandes, que simbolizam sóis ou rodas. As formas são emolduradas dentro de um quadrado ou se ajustam às características das peças desejadas. Também os trapézios, com um lado côncavo e outro convexo, são outra opção bastante usada. Quanto à singularidade das peças produzidas pelas artesãs de Bella Vista Norte, se expressa por meio de características próprias, mesmo que não percam totalmente o vínculo com as de Itauguá. Notam-se: 1) a ausência de dobra cruzada, exceto às vezes no centro de uma peça redonda; 2) geralmente os trabalhos terminam com uma onda, que forma um lado da peça, enquadrando o sol ou a roda, embora muitas rendas acabem em forma de pétala; 3) é menor a variedade de modelos em relação às rendas de Itauguá 4) e, atualmente, fios de algodão, como os da linha Cléa, são os mais usados, embora também se notem algumas peças com fios mais finos de seda.

As peças da Figura 3, criadas pela artesã Marcelina Cáceres, tiveram a sua origem em desenhos realizados à mão em um pedaço de algodão cru. Em seguida a artesã alinhava todo o desenho pelo lado do avesso e, só então, o Ñanduti começa a ser tecido.

As peças são produzidas de acordo com a criatividade de cada artesã. O grau de dificuldade depende da escolha dos motivos, pois eles precisam ser milimetricamente desenhados antes da execução da peça.

Figura 3. Peças: Bolero, Pano de Cruz, Vêu de Noiva e Pano de Bandeja.

Fonte: SILVA, 2019.

Em relação à produção, conforme afirmam as artesãs de Bella Vista, apesar de terem aprendido as técnicas com seus familiares, viram-se diante de situações que exigiram adaptação e criatividade. Mas esse é um traço geral que atinge todos artesãos dessa modalidade de artesanato.

Posto que intérprete de tradições herdadas, acrescentará, ainda assim, sinais de sua própria criatividade aos objetos produzidos, ajuntando seu eu-criador à grande cópia de informações recolhidas da tradição. Porque é um criador, será capaz de adaptar-se a novas realidades, e enquanto mantém técnicas e padrões adquiridos por herança, inovará, principalmente no que se refere a materiais. Escasseando aqueles antes abundantes no meio, utilizará outros, através dos quais veiculará as técnicas e manterá as tradições do fazer artesanal. (RIBEIRO, 1983, p. 133)

Quanto aos preços, as peças têm um mercado restrito na municipalidade, pois os valores são relativamente altos para o nível de renda dos habitantes. Nem sempre esse fato é percebido pelas artesãs, que vêem a escassa procura como desvalorização de seu trabalho.

[...] os clientes de Bella Vista não dão o devido valor ao trabalho que realizamos, sendo difícil a comercialização aqui na cidade, o que faz com que o Ñanduti seja vendido

só para pessoas de outros lugares. Já fizemos até um vestido para a cantora Perla paraguaia (LOPÉZ, 2020).

A artesã Basília Aveiro, de 85 anos, explicou que aprendeu a arte de tecer o Ñanduti na Escola Paroquial da municipalidade, em 1949. “Na época era matéria da escola e a professora dessa disciplina era a senhora Alvina Florenti”. Sua neta de 9 anos, Isabelly Diaz Domingues, conta que estuda na mesma Escola Paroquial em que sua “abuela” estudava.

También tengo clases de trabajo manual, mi maestra fue contratada para enseñar Ñanduti. Ella enseña a dibujar y tejer Ñanduti, pero no sabe todo como mi abuela. Las niñas hacen más que los niños, a quienes les gusta más la carpintería. Nuestra maestra se llama Sra. Joaquina (DOMINGUES, 2020).

Essa arte continua sendo uma prática cultural estimulada na municipalidade de Bella Vista Norte. As escolas oferecem em seu quadro curricular a disciplina de “Trabalhos Manuais”, na qual aprender a tecer o Ñanduti é o “carro chefe”.

A artesã Basília Aveiro trabalha com a produção de colchas de Ñanduti. Atende a clientela em sua própria casa na cidade de Bella Vista Norte. Em seu relato conta que “ensinou muitas pessoas, dentre elas suas filhas”.

Quanta à comercialização de seus trabalhos informou:

[...] hoje pego poucas encomendas e sempre para patroas do Rio de Janeiro, São Paulo e até Brasília. O povo daqui não dá valor e não quer pagar o quanto o nosso trabalho vale. Não temos lugar para vender. Vou começar na segunda feira uma toalha de mesa de 3 metros, para acabar vou gastar uns 2 meses (AVEIRO, 2020).

Figura 4. Colcha de Ñanduti produzida pela artesã Basília Aveiro.



Fonte: SILVA, 2020.

A artesã também deu um depoimento onde ficaram claros: a) o caráter ancestral do artesanato de peças de Ñanduti; b) o tempo elástico e as dificuldades para produzir uma peça de grande tamanho e c) a matéria prima predominante.

[...] faço peças de Ñanduti há tantos anos... todas as mulheres da minha família bordavam e bordavam. Sustentávamos nossas casas. Hoje gosto mais de fazer colchas e levo mais ou menos uns 8 meses para finalizar uma peça. São detalhes feitos um a um e como o tecido é muito grande, tenho dificuldade de locomover a peça, pois fica muito pesada. Bordo com a linha Cléa que custa dez reais (AVEIRO, 2020).

Para tecer as peças as artesãs fazem uso do bastidor. Pela ausência das matérias primas ancestrais (algodão puro ou seda) as substituem pela linha de marca Cléa, comprada em casas de aviamentos do comércio local.

Figura 5. Bastidor para tecer renda Ñanduti.



Fonte: SILVA, 2019.

Os trabalhos artesanais depois de finalizados são “engomados e passados com ferro em temperatura média, [pois] assim tem uma apresentação impecável” explica a artesã Aveiro (2020). Sua preocupação é a de criar uma peça bela e admirada por todos que a vejam. O retorno favorável é demonstrado pelas encomendas de lojistas e de consumidores das capitais. Todos reconhecem a perfeição e a beleza das peças de Ñanduti.

Esse traço aproxima o trabalho artesanal do Ñanduti da arte. Trata-se de um exercício movido pela “vontade da beleza”, pela criatividade e que se materializa em peças únicas (RIBEIRO, 1997).

Para la verdadera tejedora, la confección de un ñandutí es un acto creativo que se renueva cada vez que comienza una nueva pieza y que requiere durante todo su proceso el uso constante de la imaginación. Es cierto

que los dechados son siempre los mismos, pero sus combinaciones son múltiples. Está en cada tejedora el saber aprovechar de los elementos de que dispone para lograr una equilibrada composición. Está en ella el saber disponer qué dechados, combinados con cuáles, formarán cada círculo; el saber donde e pondrá los diseños de soles y de ruedas; el saber en qué espacios las urdimbres reticuladas unirán entre sí a las radiadas o cuándo una randa curva se moverá ondulante entre las diversas telarañas. Hay muchas piezas que no están hechas con un esmero excepcional, hay otras que no son particularmente llamativas, aunque estén técnicamente bien hechas, pero las hay, y muchas, que sobresalen por la perfección de su técnica, la armonía y el equilibrio de sus formas y la belleza de su figuración. La técnica y los motivos decorativos se aprenden, pero la composición es un acto individual que depende de la creatividad de la tejedora (SANJURJO, 2015, p. 83-84).

Ao observar as artesãs realizando seu trabalho constata-se que operar os vários motivos/pontos das rendas não é tarefa fácil, que exige qualificação desenvolvida por anos de experiência. Para quem analisa de fora, é difícil entender o trabalho, de início, pois os motivos e as formas de execução são explicados em língua guarani. Mas o contato contínuo supera a dificuldade e a simbologia dos motivos vai se aclarando (SANJURJO, 2015).

Neste estudo, para fins de sistematização, foram traduzidos os significados das peças artesanais do Ñanduti. Para tanto, foi incorporada a classificação usada por Roquete Pinto, produzida a partir de trabalho de campo realizado em Itauguá. É o que sintetiza o Quadro 1.

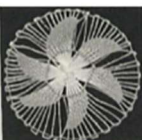
Verificou-se que muitos motivos discriminados no Quadro 1 são usados pelas artesãs de Bella Vista Norte. Porém, as entrevistadas atribuíram outros nomes a alguns dos mesmos motivos. Todas foram unânimes em apontar a flor de goiaba e teia de aranha como bases para suas peças. Outro motivo zoomorfo muito presente é a borboleta, usada na elaboração de coletes e vestidos. O cata-vento, terceiro motivo do Quadro 1 aparece, igualmente, em peças de Bella Vista Norte, assim como a mistura de motivos, que Roquete Pinto denominou miscelânea.

Atualmente as peças de Ñanduti são produzidas sobretudo como valores de troca, isto é, mercadorias que suprem demandas de lojistas de grandes cidades. Contudo, não deixaram de atender necessidades cotidianas das famílias das artesãs. Nesse caso, se realizam como valores de uso. Em especial as festas ensejam oportunidades para a produção de peças de vestuário para os mais jovens.

Faço Ñanduti sem pressa para minhas netas desfilarem. Aqui no Paraguai temos a tradição de desfilarmos com a roupa típica no dia do aniversário da municipalidade, é grandioso. Para montar as saias tiro os pontos da minha

cabeça e vou tecendo, eles não têm nome certo, depende de como vão ficando (LOPÉZ, 2020).

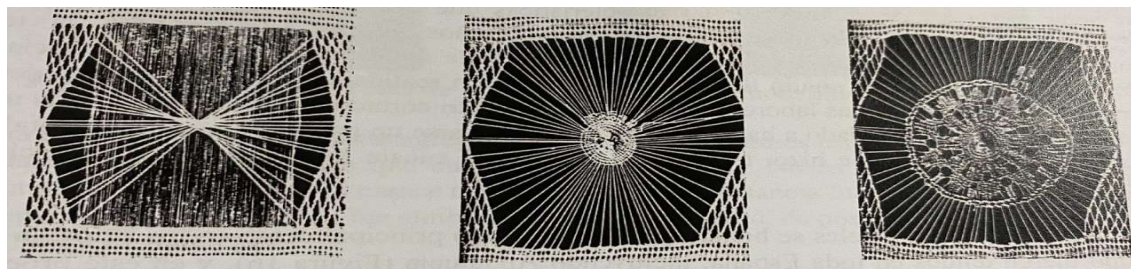
Quadro1: Classificação dos pontos ou motivos por Roquete Pinto

MOTIVO	CLASSE	DEFINIÇÃO
	Fitomorfos	Desenhos com motivos inspirados nas plantas. Exemplos: Arasá poty (flor de goiaba) Jasmín poty (flor de jasmim)
	Zoomorfos	Desenhos com motivos inspirados nos animais. Exemplos: Estrella (estrela) Tela de araña (teia de aranha)
	Eskeiomorfos	Desenhos com motivos inspirados em objetos/instrumentos reais. Exemplos: Molinete (cata-vento) Kurusú (crucifixo)
	Miscelanea	Desenhos com mistura de classes/motivos. Exemplos: Canastita sin asas (cesta sem alças) Honguito (cogumelo)

Fonte: SANJURJO, 2015. Adaptado pela autora.

Como procedimento básico para a confecção das peças, as artesãs utilizam a técnica do bordado. São três as etapas caracterizadas por procedimentos específicos. Na primeira etapa são formados raios horizontais, traçando a linha no alinhavo vertical. Na segunda, depois de formados os raios horizontais, são cruzados os fios verticais para a confecção dos raios. Ainda nessa etapa, uma vez dispostos todos os raios, se inicia e se conclui a construção do meio/centro do Ñanduti. A terceira e última etapa envolve o começo e a finalização do desenho da renda, que resulta em trançados cruzados e enlaçados dos bordados (Figura 6).

Os limites das peças são definidos e se materializam no número de rodas ou sóis, iguais ou de tamanhos diferentes. Sempre simetricamente combinadas, ao final essas formas configuram a forma geral da peça. Então elas são unidas.

Figura 6: Etapas de elaboração do Ñanduti:

Fonte: SANJURJO, 2015

Outra forma da artesã operar é por meio do preenchimento de espaços vazios delimitados. Neles a artesã trabalha diretamente com os pontilhões que, por sua vez, recebem nomes diversos: estrela, flor de goiaba, filigrana. Essa técnica é usada quando a peça é pequena. Nas peças de tamanho grande, como uma toalha de mesa de chá ou uma colcha, por exemplo, as superfícies são distribuídas e nelas são bordadas as formas diretamente.

Quando é produzida uma peça de vestuário, são usados desenhos simétricos e, nesse caso, se o modelo da roupa permitir ou exigir, conforme seu tamanho ou modelo, o Ñanduti realiza combinações inesgotáveis.

Em número, provisão ou conjugação de motivos as opções de pontos são variadas. Uma toalha de mesa de chá pode envolver um círculo central inserido em um quadrado, que, por sua vez aparece inscrito em um círculo. Isso pode se repetir sucessivamente. Nenhuma forma geométrica, dada sua destreza, oferece dificuldades para artesã, seja única ou distribuída em superfícies simétricas. O que pode acontecer eventualmente é que, para a criação de uma peça assimétrica ou irregular, a forma pode exigir mais atenção ou mais tempo de trabalho.

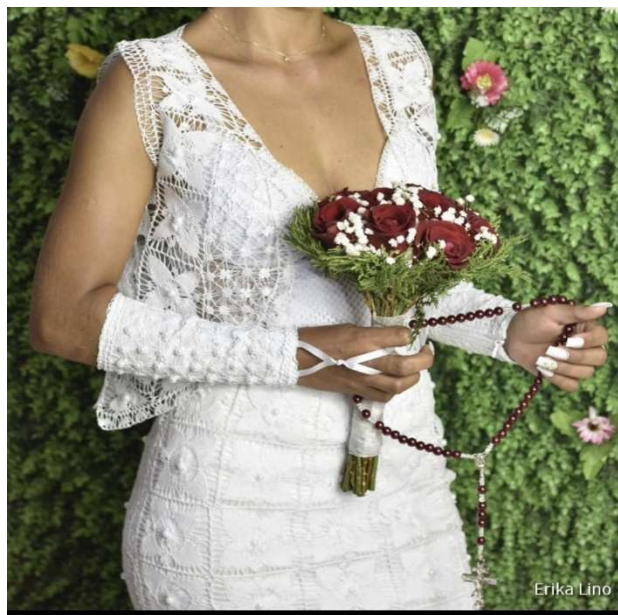
Existem criações muito elaboradas, como as evidenciadas na confecção de vestidos de noiva. O resultado é delicado, leve, mas, ao mesmo tempo, seus minuciosos detalhes revelam riqueza indescritível (Figura 7).

O preço de cada peça é baseado na quantidade de matérias primas usadas e no tempo de trabalho exigido. Peças como o vestido de noiva da Figura 7 apresentam os mais diversos padrões, mas todos os motivos são ligados à natureza.

O Ñanduti é arte bruta das artesãs paraguaias. Sob o aspecto visual, evidencia riqueza tanto na sua arquitetura global quanto nos seus detalhes. Em sua delicadeza, cada pedaço do Ñanduti é fragmento de uma obra de arte produzida por mãos hábeis e de exímia destreza.

A tecelagem com fios grossos não é frequente. Os fios finos são dominantes. A seda rareia como matéria prima. Mas quando se vê uma peça de seda, a sensação é a de que se trata de algo para ver e não tocar. É uma renda que ganha a aparência de “cristais de neve” (CÁCERES, 2020).

Figura 7. Vestido de noiva de Ñanduti produzido por Marcelina Cáceres.



Fonte: Acervo de Tatiane Vilhalva da Silva, janeiro 2020.

O artesanato do Ñanduti é uma prática cultural singular ao Paraguai. Através dele, as artesãs dão sentido à própria história. É um rico patrimônio da nação. Representa algo chegado de fora, daí sua dimensão universal, mas que se adaptou ao ambiente e aos seus recursos. Portanto, por meio dele, o universal e o singular mostram-se indissociáveis. Como o singular é sempre uma forma de realização do universal (ALVES, 2003), a renda Ñanduti retrata a singularidade cultural dos artesãos de Bella Vista Norte, sem deixar de evidenciar, também, a unidade da experiência universal da humanidade.

Conclusão

O artesanato de peças de Ñanduti enquadra-se na modalidade de artesanato ancestral e preserva a base técnica no interior da qual o artesão domina o processo de trabalho como um todo. Nos primórdios foi caracterizado pela produção de valores de uso. Presentemente, assume a forma predominante de recurso voltado para a produção de mercadorias ou valores de troca.

O Ñanduti teria sua origem em uma prática cultural das ilhas Canárias. Sofreu adaptações impostas pelas condições locais e, nos bordados, passou a usar motivos formais inspirados no ambiente. As artesãs constatarem que novas ideias sempre emergem durante a realização do trabalho. Portanto, as mudanças continuam tendo curso nas práticas dessas mulheres. Ao mesmo tempo em que realizam suas atividades artísticas, elas também modificam seu entendimento, seu conhecimento e sua subjetividade. Isto é, “exteriorizam a sua

subjetividade e o seu espírito e cristalizam a sua prática em realidades materiais e culturais” mutantes, pois históricas (HOFF, 2008, p. 20-1).

O Ñanduti é uma prática cultural que não ocasiona impacto sensível ao ambiente em decorrência da natureza dos instrumentos de trabalho e das matérias primas utilizados. No caso de Bella Vista Norte, também não apresenta expressão maior no âmbito da economia local. Mas isso pode mudar diante da possibilidade de ser incrementada a produção, em consequência da expansão do turismo na região. O desafio está colocado para as novas gerações. Elas deverão assumir e reproduzir o patrimônio ligado a essa relevante prática cultural.

Referências bibliográficas

ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul: o Universal e o Singular**. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2003. 101p.

ALVES, G. L. **Arte, Artesanato e Desenvolvimento Regional: Temas Sul-mato-grossenses**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. 104p.

AVEIRO, Basília. **Entrevista realizada na municipalidade de Bella Vista Norte em 08. mar. 2020**. Bella Vista Norte - PY, 2020.

CÁCERES, M. **Entrevista realizada na municipalidade de Bella Vista Norte em 07. mar. 2020**. Bella Vista Norte - PY, 2020.

CÁCERES, M. **Entrevista realizada via telefone em 20. fev. 2020**. Campo Grande, 2020.

DOMINGUES, I. D. **Entrevista realizada na municipalidade de Bella Vista Norte em 08. mar. 2020**. Bella Vista Norte - PY, 2020.

GONZÁLES, G. **Ñanduti**. Assunción: Biblioteca del Centro de Estudios Antropológicos del Ateneo Paraguayo, 1967.

HOFF, S. **O Homem e o Trabalho**. In: HOFF, S. e SA, L.R. **Filosofia da Educação**. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2008, p. 20-24.

LÓPES, D. **Entrevista realizada na municipalidade de Bella Vista Norte em 07. mar. 2020**. Bella Vista Norte - PY, 2020.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Trad. de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe.. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

PLÁ, J.; GONZÁLES, G. **Paraguay: el Ñanduti**. Asunción: Museo Paraguayo de Arte Contemporáneo, 1983.

PINTO, E. R. Nota sobre o Ñanduti do Paraguai. **Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, n.1, v. 3, 1927.

RIBEIRO, B. G. (org). **O Artesão Tradicional e seu Papel na Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro, Funarte/Instituto Nacional do Folclore. 1983. 253 p.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997. 536p.

SANJURJO, A. **Ñandutí, Encajes del Paraguay**. 1ed. EUA: Southern Cross Press, 2015.

Recebido em: 18/08/2020 * Aprovado em: 16/09/2020 * Publicado em: 16/12/2020
